

Fantasia de conto português, 1925

A. Osório de Vasconcelos

147

a torre derrocada

I

As ruínas derramam não sei que suavíssima melancolia, em quem as contempla, por mais prosaico e amante que seja das coisas hodiernas.

O passado, esse astro tão cheio de belezas e de encantos, que desaparece a pouco e pouco nas sombras do tempo, exercita em todos uma atracção irresistível, amável, uma simpatia porventura inexplicável, mas tão forte, tão robusta, que não há fugir-lhe.

O passado, é o templo meo derrocado das saudades e das ilusões, e quem há aí que, lembrando-se das velhas lendas, com que o embalaram, e dos contos em que a menina se lhe foi, quem há aí, que, avistando esse templo por entre o negrume da vida real, não ajoelhe, e não sinta no peito um vórtice encapelado de sentimento puríssimo, a desentranhar-se em jorros de poesia nativa, espontânea e singela, como os quebros dos pássaros ao despedirem-se do sol, que doura as cumeadas, dando-lhes o verdadeiro ósculo de amor. Assim o peregrino maometano voltando da cidade santa, da Meca aventurosa, se por acaso cruzando já a orla do deserto, e descansando à sombra da palmeira, volve o rosto bronzeado pelo sol e acerta de contemplar ainda a sagrada mesquita, ajoelha, ergue os olhos ao céu, beija o chão três vezes, e deixa cair na areia abrasadora uma lágrima saudososa.

O passado é um túmulo no grande cemitério das idades, e as ruínas são o epitáfio expressivo e plangente que fala aos olhos do corpo e da alma, epitáfio que na sua nudez austera e afiliva traduz com mágica verdade o abandono, a solidão, o amargor, o vilipêndio, o desprezo,

e milhares de sentimentos infinitamente vários, mas que todos cortam fundo no coração.

No ermo, quando a lua arroja no espaço ondas de luz melancólica e frouxa, quando a brisa de agosto parece solugar angustiosa nas fendas das pedras, as ruínas são mais do que um epitáfio, são um altar sacrossanto e rude, aonde o poeta, esse sacerdote de tudo o que foi grande no passado, esse evangelista de tudo o que há-de ser belo no futuro, esse druida inspirado e impoluto de todos os séculos, vai sacrificar às recordações e à saudade.

Se o leitor se compraz com a solidão, se as ruínas lhe lançam na alma delicias inefáveis e voluptuosidades austeras, venha comigo, que ouvirá uma lenda dos priscos tempos, dos tempos cavalleirosos, tão diversos dos que vamos atravessando.

II

A beira-mar, sobre um rochedo empinado que se ergue a prumo a grande altura, levanta-se uma torre em ruínas, sentinela muda e impassível das idades, es-finge oceânica que a mão implacável do tempo veio surprender na sua contemplação muda e passiva.

A torre vai-se derrocando e tendendo a pouco e pouco; cada dia cai-lhe uma pedra dos membros aludidos com o embate das ondas, crestadas com o fogo do raio. Dentro em pouco a obra do homem desaparece, e as pedras voltarão para o mar de onde saíram. Só ficará de pé o rochedo, enquanto as ondas o não levarem também aos abismos do oceano.

Os pescadores costumam acender no alto da torre uma luz tibia e frouxa, que lhes serve de farol durante as suas excursões costeiras. Aquela luz parece o olho amorteado do velho gigante, que debalde se debruça à beira das profundezas para interrogar os mistérios, que

já não pode ver. De noite, por entre o gemer raivoso das ondas, que se contorcem em ânsias de voluptuosidade infernal, se a atmosfera negra e plúmbea se desentranha em raios, que fendem as águas tórbidas e alumiam com a sua luz fatídica aquele quadro medonho, aquela luta destruidora, e se o vento fustiga com lufadas gélidas o mar e os rochedos, parece que a torre no meio daquele horrído concerto agita-se e de cada gargalhada que solta, cai-lhe uma pedra no abismo.

A paisagem em volta é selvática e solitária. É rara a vegetação; apenas alguns zimbros raquíticos e enfezados se erguem no meio das areias movediças.

Parece um sítio maldito, e se não foram as ruínas da velha torre, que indicam que houve ali em tempos vida e movimento, ninguém o pudera acreditar.

Ao ver aquela desolação tão nua e tão terrível, sente-se um terror instintivo e natural, e os olhos, contemplando aquele espectáculo, cerram-se involuntariamente, arreando-se de alguma visão medonha.

É a torre como que nos atrai, e inclinando para o abismo os rijos membros de granito, parece acenar-nos mesmo de longe, dizendo-nos que dentro em pouco, se-pulta já no oceano, não mais há-de testemunhar que naquela solidão houve outrora um romance de amor.

Que importa que as velhas ruínas se afundem no mar, se a tradição nos conta esse romance legendário? Ouçamos os pescadores, que vivem mais à terra, em sítio menos ermo e selvático; ouçamos os pescadores, que ao passarem por defronte da torre, fazem o sinal da cruz, e içam as velas em perigo de darem à costa; ouçamos os rudes habitantes da prala, nas longas noites de inverno, quando o mar ruga fero e ameaçador, e vem açoiatar a penedia com a sua baba espumosa, como gigante que acorda e cospe raivoso nas guardas do leito informe e branco.

III

Era no tempo em que os antigos portugueses, os leões do mar, como lhes chamou Victor Hugo, desfraldavam as santas quinas em todas as regiões do mundo, e espalhavam o renome português pelas bocas dos seus canhões.

O espirito aventureiro arrastava os portugueses de então; cada ano saíam dos portos de Portugal grandes renques de galeões, armadas invencíveis, que subjugavam os rajás da Ásia, venciam os selvagens da América, desbravavam os terríveis malaios, talavam o Japão, conquistavam a África, e operavam gentilezas e feitos, que igualaram as maiores façanhas de todas as idades.

Nesses tempos heróicos Portugal foi um anão que deu o ser a gigantes.

.....

Mergulhava o sol no oceano, tingindo com rúbricas cores a orla extrema do horizonte. As vagas agitavam-se convulsas e como que soluçavam abraçando no túmido e espumoso regaço, os rochedos imóveis, como o destino.

No alto da torre, quase envolta pelo nevoeiro alvacento, que se alevantava do mar em largos novelões, estava uma donzela, linda e cismadora qual ondina gentil.

A brisa crepuscular impregnada das acres fragrâncias do oceano vinha beijar-lhe as faces, que um raio do sol, acaso mais voluptuoso, ainda acariciava, cercando-as de uma auréola luminosa.

Quem visse a donzela àquela hora de suprema poesia, em que o peito arquejante se dilata na amplidão, desprendendo-se das angústias e dos cuidados terrenos; quem a visse assim à beira-mar, com um pé no abismo, salpicada pelas ondas, que dobravam o colo nêvo, desatando-se depois em alvas catadupas e flocos de neve, como que em sinal de adoração e de amor; quem a visse

quase suspensa no espaço, sustentada pelo vento que lhe gemia em volta, qual sultão namorado, tufando-lhe as cândidas vestes, cuidara contemplar a felicidade oceânica, que vivendo em líquido alcaçar no seio das ondas, subira às regiões superiores para admirar os seus vastos domínios.

Mas não. A donzela vivia na torre; lá nascera, lá se criara e crescera, e lá lhe correu a infância descuidosa no regaço da mãe, que via cada ano medrar a filha em encantos e virtudes.

A velha torre pertencia havia muito a uma nobre família que ali assentara os lares, por doação régia, com o encargo de vigiar e defender as costas, resguardando-as das invasões dos piratas do mar.

Estava a donzela em contemplação extática no alto da torre, quando viu ao longe, mas já distinto, o vulto de um galeão, que se dirigia ao porto.

— Minha mãe, ó minha mãe, — gritou a donzela, erguendo-se e descendo a ingreme escadaria do observatório aéreo. — Ó minha mãe, não vê? não vê o galeão St.º António? Lá vem D. Álvaro, o meu querido guerreiro, que partindo-se para as Índias, me roubou o coração no seu último adeus? Vamos, vamos, minha mãe. Lá vem D. Álvaro, o meu querido guerreiro.

— Que dizes aí, filha da minha alma? A tais desoras quereis ir ao porto?

— Vamos, vamos minha mãe, vamos em busca do meu coração que D. Álvaro me levou. Quem me dera ser feiticeira para ir por ares e ventos poisar nos mastros do galeão, a contemplar o meu amante! Quem me dera ser serêia para acompanhar o sulco do navio, que leva quem me levou o coração. Vamos, vamos, minha mãe! lá vem D. Álvaro, o meu querido guerreiro.

— Aí filha da minha alma. Vai fria a noite, o vento gemete triste nas ondas, e as gaiotas batendo os ares com as asas, soltam gritos de desespero e de angústia. Dan-

gam feticheiras nas devesas, e as sereias vêm à flor da água a espremer os cabelos cor de lino, cegando os marinheiros com o brilho dos olhos. A tais desoras, minha filha, queres ir ao porto?

— Ah! minha mãe, minha mãe, vou-me em busca do meu coração, que D. Álvaro me levou. Que importa, que o vento gema? Nos braços do meu amante, que valem vaticínios de desgraça? Se a noite vai fria, tenho no peito o calor da febre, que me escalda. As feticheiras não-de sorrir, e as sereias não-de invejar-me, que D. Álvaro é meu amante. Vamos, vamos, minha mãe, lá vem D. Álvaro, o meu querido guerreiro.

— Amanhã, minha filha, quando o sol raiar nas campinas e beijar as cristas das ondas, irás buscar o teu amante. Quem esperou anos, espera uma noite, que insónias de amor depressa se passam. Ah! quem nas pudera passar ainda!

— Ah! minha mãe, minha mãe, insónias de amor são tormentos do inferno. Vamos, vamos, lá vem D. Álvaro o meu querido guerreiro.

— Seja feita a tua vontade, filha. Parte, vai, e traz nos braços gentis o amante, que te levou o coração, que eu fico ajoelhada a rezar à Virgem, por que te livre de ruínas presságios.

IV

Passaram-se horas e a pobre mãe, ajoelhada diante de um crucifixo, esperava ansiosa pela volta da filha, que se fora buscar o erradio amante.

Assim a andorinha, que os cuidados maternos obrigaram a deixar partir o consorte para outros climas, aguarda a volta do bando, e mal o vê despontar ao longe, bate as asas, segue o voo, e vai adejar em torno do que lhe arrulhara amores na primavera.

Mas quantas vezes vem o cruel destino cravar fundo

golpe de saudades dolorosas e sem remédio no coração, para o qual as saudades passadas eram esperanças floridas e preníncios de futuros amores! Ah! quantas vezes os alvoroços de ventura se tornam em desvalimentos da desgraça e a cândida clâmide da esperança se transforma em crepe de desenganos!

Assim sucedeu à malfadada donzela, à formosa Rosalinda, que chegada ao porto, buscando com os olhos, por entre o tumultuar da multidão, o seu querido D. Álvaro, e interrogando os audazes navegadores, soube que o seu amante se havia finado quase à vista das costas da pátria amada, à qual estendera os braços já hirtos e rígidos, no derradeiro arranco.

Estas palavras soaram aos ouvidos de Rosalinda como se fossem dobre plangente de finados em capelinha do ermo à beira-mar Louca, com o peito arquejante, desatou a correr para a torre, em cujos umbrais a estavam aguardando os carinhos maternos.

— Ó minha mãe, — exclamou a donzela com a voz rouca e cavernosa, e com os olhos semiabertos. Ó minha mãe, morreu-me D. Álvaro, e lá me levou o coração para o fundo do mar.

— Ah! pobre filha, não chores, não te amofines, que o teu pobre coração bate aí nesse peito, que o amor endoideou, e que o amor há-de curar.

— Eu chorarei! Chorem antes as pedras, que Satanás não quer prantos. Ah! D. Álvaro porque me levaste o coração? Quem me dera ser sereia, que já me deitava ao mar em busca do meu pobre coração, que D. Álvaro me roubou.

— Gala-te aí, filha, lembra-te que és cristã. Se D. Álvaro se finou, Deus me fale na alma, e se amercie de ti, ó minha Rosalinda. Chora, chora, que o coração ninguém to roubou.

— Ó minha mãe, quem me dera ser sereia para viver no mar, abraçada com D. Álvaro, que me levou o coração.

V

Corria negra a noite e o mar erguia as ondas encapeladas, soltando rugidos angustiosos. A lua baça e pálida em vão tentava fender com os raios frouxos as nuvens caliginosas, que toldavam o firmamento.

Rosalinda, com os cabelos em desalinho, que o vento da noite agitava, estava sentada no alto da torre, debruçada sobre o abismo, cujas águas revoltas haviam talvez trágado o corpo do aventureiro amante. Encostado o braço ao peitoral e encostada à mão a face, com os olhos fixos e a boca semiaberta, deixando entrever os dentes eburneos, era a imagem do desespero silencioso, que se entregou ao demónio por se vingar do destino.

Ouviu-se de repente, por entre o bramar das vagas raivosas e o silvar agudo da rajada um grito aflitivo e plangente, que ecoou na solidão, como o último gemido do naufrago moribundo. Logo após surgiu do meio das ondas um vulto, sobre quem batiam de soslaio os raios da lua, deixando ver um rosto pálido e defecado, arrastado de longos cabelos negros, que desciam húmidos pelas costas um pouco alquebradas.

O vulto agitou os braços e erguendo-se no ar, exclamou:

— Ouves? Rosalinda. Eu sou D. Alvaro, que te levou o coração, quando me fui a conquistar glórias e riquezas nos palmares da Índia, para tas depor aos pés. Colheu-me a morte no caminho, quando te via já na penumbra do horizonte. Venho buscar-te, ó Rosalinda, porque és minha, porque só a ti posso dar o coração, que te levei. Vem! Vem! ó minha amante. Vem, que o mar é nosso, e o dorso das ondas será o nosso leito nupcial, as estrelas os candelabros, a espuma o travesseteiro e a amplitude o nosso império. O Rosalinda! se souberas como te amo. Que importa a morte, se o amor lhe sobrevive?

— És tu, D. Alvaro? — respondeu a donzela. —

Amar-te, amar-te é meu destino, que se não te amara, já não existira há muito. Vivo ou não, que importa? serás sempre o meu amante, que me levou o coração.

E Rosalinda, soltando um grito de alegria, chegou-se à beira da torre, mediu com os olhos o abismo, e deixando pender o corpo, deitou-se às ondas, como Safo se despeidou do rochedo de Leucate.

Recebeu-a D. Alvaro nos braços, e cobrindo-a de beijos e carícias, começou a nadar a nadar, com um vigor vertiginoso.

As vagas abriam-se para lhes dar passagem, e tornavam-se a cerrar formando catadupas de espuma alva-centa, retilha de sangue.

O mar aplacou-se como por encanto. Dilatava-se ao longe, balouçando-se e alvejando tristemente, como se fora um manto de gaze tufado pelo vento. Já não rugia em ânsias de raiva; já não enovelava as vagas com fúria, para depois arrojá-las salpicos de espuma; já não se rojava delirante, para se erguer depois mais feroz ainda. Não. Era manso e plácido; dormia nos braços das seretas que cantam toadas maviosas, e envolvem o corpo gentil com o cândido manto das águas. A onda serena e límpida suspirava na praia, gemia e espreguejava-se, oscilava a areia docemente, para voltar de novo ao seio mádido.

Suspensa nos braços do amante flutuava Rosalinda na água, com as alvas roupagens enfundadas. Caminhavam com imensa rapidez e passados momentos a torre esvaeceu-se no negrume do horizonte. Os rochedos já se lhes não erguiam silenciosos, e quedos. Sumia-se-lhes a terra firme. Iam envoltos na majestosa solidão do mar, cobertos pelos esplendores celestes, quando chegaram a um lago, formado por águas tranquilas de um verde-escuro e sem ondas. Viu-se de repente a donzela sozinha, nadando à tona de água, como se uma força misteriosa a estivesse alevantando.

Espavorida, com os cabelos hirtos e sentindo um

calafrio mortal, exclamou com a voz sumida e trêmula, que se repercutiu nas águas, produzindo um som estrondoso:

— Álvaro! meu Álvaro! Ali não me deixes sozinha no meio das ondas. Álvaro! dá-me o coração, que me rouba-te, e vem depois abraçar-te comigo, que tua sou.

Palavras não eram ditas quando levantou os olhos e viu, bolando ao lume da água um cadáver horrivelmente desfigurado, com as carnes a despegarem-se da ossada, que os peixes vorazes vinham tragar, escancarando as enormes bocas bordadas de três fiadas de dentes alvos e agudos.

A donzela soltou um grito de terror e de angústia, e torcendo as mãos, cerrando os olhos quisera orar a Deus, que a protegesse. Mas o demónio ouvira-lhe as queixas, e ninguém lha podia roubar, que já a havia marcado com as garras.

O esqueleto levantou-se então na água. Brilhavam-lhe os olhos como carvoes acesos no crânio; os braços longos e descarnados foram crescendo, crescendo até abarcarem o corpo de Rosalinda, e depois de a contemplar um momento, alumiaando-lhe o rosto com o fogo dos olhos, soltou uma gargalhada horrível, e desconjuntando os ossos, sumiu-se na voragem, a tempo que ia dizendo:

— Sou eu, sou eu o teu amante!

Depois começaram a surgir monstros marinhos, trazendo as cabeças enormes à superfície da água e encobrindo os corpos nas profundezas. Os olhos vítreos e húmidos, baços e fixos pareciam devorar a maldiva Rosalinda que olhava espantada em redor.

Os monstros conservavam-se mudos mas aproximavam-se mais e mais, apertando o círculo a pouco e pouco, regular e metodicamente, a tempo que dos abismos surgiam novos cardumes, cada qual de feição mais asqueroso e repelente. Envolveram enfim completamente Rosalinda, roçando-lhe o corpo mimoso com as escamas frias e duras, como dentes de serra.

Foi então que o demónio, sulcando a amplidão em um carro de fogo, agarrou Rosalinda pelos cabelos, e levantou-a ao ar, arrojou-a depois às ondas, para além dos monstros, exclamando:

— Vai-te, sereia, e persegue os nautas com os teus olhos glaucos; prende-os com as tuas tranças cor de limo, e atraí-os com os teus cantares maviosos. Cumprir o teu destino e viverás eternamente no mar, junto à torre.

Desfez-se o medonho ajuntamento dos monstros, que se afundaram nos abismos, batendo e chocalhando as águas com as horrendas caudas.

Desde então a sereia persegue os nautas, que passam depois do sol-posto perto da torre. Ai do que não fizer o sinal da cruz e se demorar naquele sítio amaldiçoado, que será atraído pela sereia e irá servir de pasto à sua voluptuosidade infernal e à voracidade roaz dos monstros marinhos.